ARTE NO BRASIL
CR.
1999

CATEDRAL METROPOLITANA DO RIO DE JANEIRO

Atual: PARÓQUIA DE Nª Sª DO CARMO DA ANTIGA SÉ

HISTÒRICO

A Catedral do Rio de Janeiro, data de 21 de novembro de 1676, quando por Bula do Papa Inocêncio IX, foi criado o Bispado desta Capital. Naquela ocasião a igreja matriz de S. Sebastião, situada no alto do morro do Castelo, foi elevada à categoria de Catedral. E nessa antiga igreja permaneceu até 1734, quando por motivo de achar-se em péssimo estado o templo, mudou-se para a Igreja da Cruz dos Militares. Sua demora nesse templo foi breve, pois, no ano de 1737, transferiu-se para a Igreja do Rosário, na atual rua Uruguaiana, onde esteve até 1808, quando foi escolhido um local para a construção da Sé.

Reunidos o Bispo, o Governador Gomes Freire de Andrade e o Brigadeiro José Fernandes Pinto Alpoim, em conferência sobre o sítio para a ereção do templo, ficou assentado que o mesmo seria construído no largo situado no fim da rua do Ouvidor e que, desde então, passou a ser denominado Largo da Sé Nova (depois S. Francisco de Paula).

Isso ocorreu em 1747, e o terreno é aquele onde esta hoje a Escola / de Engenharia. A primeira pedra da futura Catedral, foi lançada em 20 de Janeiro de 1749, na presença do Bispo, membros da Câmara, da Nobreza da época, Cléro, Irmandades Religiosas e o povo.

As obras da edificação do templo, que seria suntuoso, prosseguiram até1752, quando foram interrompidas em vista da necessidade que houve de se aplicar a verba destinada a esse trabalho em outras despesas. Também influiu enormemente nessa interrupção a partida do Governador Gomes Freire/ de Andrade, para integrar a comissão que,na ocasião, decidia uma questão/ de limites, nacionais.

Com trabalho árduo e constante foi, por fim, concluida a capela-mor, mas em 1797, o serviço sofreu novo colapso. Até as torres já haviam sido iniciadas, mas tudo ficou paralisado, não obstante o Cabido ter requerido ao govêrno Português, um auxílio para a continuação dos trabalhos.

Nesse tempo, porém, as façanhas napoleônicas preocupavam enormemente todos os govêrnos europeus, e o de Portugal incluia-se entre eles, como um dos mais interessados nos problemas criados pelo grande corso. Assim, a petição em favor da igreja brasileira não pode ser dada maior atenção.

Com a fuga de D. João, então regente do Reino de Portugal, e de sua família para o Rio de Janeiro, e aqui chegado em Março de 1808, os frades do Convento de N. S. do Carmo tiveram que transferir a sua residência para outro sítio, afim de alojarem-se no seu recolhimento a Família Real e a Côrte. O Palácio dos Governadores, bastante amplo, era, todavia, pequeno para conter tanta gente. Foi necessário oferecer-lhes o Convento Carmelita para seu abrigo.

Ao lado, contíguo ao cenóbio, havia a Capela de N. S. do Carmo, da mesma ordem religiosa, que automaticamente foi convertida em Capela Real, por ser mais próxima da residência dos reis, e por isso mesmo, mais cômoda para sua presença na Celebração dos Ofícios Divinos.

Era uma pequena igreja, baixa, tôda branca, cuja fachada apresentava apenas uma porta de entrada, ladeada por dois nichos, e à frente tinha um atrio cercado com ripas de madeira. Não tinha sinos, e os religiosos serviam-se dos que havia no Campanário do Convento, para indicar a hora das missas e outros serviços.

Essa igreja datava de 1761, isto é, nesse ano foi lançada a primeira pedra para a sua construção. Antes havia no local, uma ermida sob a invocação de N. S. do Ó, que fora doada aos Carmelitas em 1590, e que ruira / numa noite de festa. Transformada em Capela Real, a igreja dos Carmelitas foi, por Alvará de 15 de Junho de 1808, elevada à condição de Catedral.

Não estava ainda concluida a fachada do templo em 1808. Para que tivesse melhor aparência, uma vez que ia servir aos soberanos, foi construido um frontão de madeira com as armas reais, e substituída a cêrca de madeira por gradil de ferro. Somente no reinado de D. Pedro I, obedecendo à planta do engenheiro-arquiteto Pedro Alexandre Cavroé, é que foi terminada a fachada, cuja obra realizou-se sob as vistas do próprio técnico.

Passou, entretanto, em diferentes ocasiões, por diversas ampliações/ e modificações, até chegar a aparência atual.

CATEDRAL METROPOLITANA - CARACTERES ARTÍSTICOS

Desconhece-se o autor da planta e da construção da Catedral Metropolitana do Rio de Janeiro. Consta que da Ilha das Enxadas vieram as pedras para as obras da igreja.

Com as várias adaptações e acréscimos a unidade arquitetônica do templo foi bastante prejudicada, no entanto, o frontão da igreja é caracterìsticamente barroquista.

Rasgada em 1875, a rua do Cano (depois Sete de Setembro) até o Largo do Paço (Praça 15 de Novembro) a Catedral não sofreu alteração fundamental, pois esse corte atingiu apenas o antigo Convento. Construiu-se nessa ocasião um passadiço entre o Palácio e a Igreja por onde passava a Família Real e sua Côrte para assistir aos cultos.

O frontispício atual da Catedral foi modificado no tempo do Cardeal D. Joaquim Arcoverde. Foi ele quem mandou reconstruir a fachada, bem como o oitão que dá para a rua Sete de Setembro.

Numa das reformas que abrange o período de 1889 a 1900, serviu de Catedral a vizinha Igreja do Carmo. Em primeiro de Maio de 1900 foi inaugurada a Igreja Metropolitana já restaurada. Com esta reforma a Catedral ganhou uma torre (lado da rua Sete de Setembro) onde foram colocadas as armas e o chapéu cardinalício, mais acima relógio, sinos e a imagem em mármore branco do padroeiro da cidade, S. Sebastião.

Consta a igreja com três portas, e igual número de janelas no andar do Côro, com vitrais.

Este templo possui um sino denominado D. João VI, fundido em 1822 por João Batista Jardineiro. Há gravado em seu extradorso uma coroa célebre / brasão da Família Imperial Portuguêsa. No mesmo campanário encontram-se outros seis sinos menores, notando-se entre êles um delicadamente cinzelado, onde aparece bem burilada a figura de um conselheiro com o seu chapéu de plumas na mão, em reverência. Atribui-se esse trabalho a um artista / francês do século XVII. Neste mesmo sino se pode ler o ano de sua fabricação - 1628 - e ~~uma~~ duas frase, em latim: "Aerat ~~tum~~ tibi libat opus vox. CELSA TONANTI A RECTOR OLIVA TUAM SENTIAT ILLUS ~~OPEM~~

Interiormente a nave em berço e em cruz latina é genuinamente rica. Tem oito capelas fundas, laterais, independente~~mente~~ entre si, incluindo-se as do transepto de dimensões maiores e que originalmente guardavam as mesmas características arquitetônicas, embora, atualmente essas características não mais se apresentem devido a reforma sofrida numa dessas capelas (a da esquerda) e que ganhou planta circular, quebrando com isso a simetria anteriormente observada nesse templo. Apresenta dois púlpitos e seis tribunas, repartidos igualmente pelos lados; duas outras tribunas menores

ladeam o arco cruzeiro, um de cada lado.

O Côro alto tem orgão central, salientemente. O Côro e as tribunas possuem varandas rendadas, como são igualmente as grades das capelas em do transepto. Tem grande valor a que reveste totalmente a igreja. De espaço a espaço, a abóbada está cravejada de florões, centros de largos / painéis de molduras sobrepostas. Semelhantemente, com ornamentos mais / compactos os das paredes e os dos pés-direitos mostram rosetas, emblemas ou símbolos, alguns irradiantes. Por fim os ornatos se concentram particularmente nas capelas; e se firmam de bom modo nos altares, cujos retábulos se armam com colunas torças, represadas na generalidade. No todo, esse apreciável trabalho executado, em 1785, pelo mestre Inácio Ferreira Pinto, sugere, manifesta discretamente o sentido leve e elegante da decoração que é genuinamente barroca, e que contribue sobremodo para que o ambiente da igreja se demonstre variado e festivo.

A Capela-mor, preparada à semelhança, é profunda e iluminada por 6 (seis) lunetas e outras tantas tribunas, que acolhiam a Família Real, depois a Imperial os Semanários e o Corpo Diplomático, enquanto os da nave eram destinados às damas do Paço; como a do Côro Alto a José Maurício. Por sua grandeza, na capela-mor se reunia o corpo capitular diariamente para as orações canônicas.

No painel do altar-mor da Catedral havia uma pintura de José Leandro de Carvalho representando pessoas da Família Real; na parte superior a Virgem do Carmo entre nuvens e anjos.

Na ocasião do movimento que resultou na abdicação de D. Pedro, em 1831, os fiéis exigiram o desaparecimento da figura do Imperador do painel da Catedral. Foi solicitado a Debret que inutilizasse a obra, mais/ ele recusou-se, obrigando-se ao próprio Leandro a extinção do painel. / Mas o pintor limitou-se a cobrir as figuras do seu quadro com uma simples camada de cola.

Em 1850 foi retocado e lavado por José Caetano Ribeiro. Salvo da / destruição em 1831 desapareceu em 1889 quando foi retirado para restauração.

No teto da capela-mor há um painel de N. S. do Carmo de autoria de José de Oliveira Rosa.

José Leandro de Carvalho pintou também as imagens dos Santos Apóstolos, existentes nos painéis elipticos, colocados entre as tribunas, sob os ressaltos dos entablamentos - quatro na capela-mor, oito na nave, onde se encontram os púlpitos, situados nos pés direitos dos arcos do transepto e que conservam lembranças da Ordem Carmelita, na estrêla que se destaca entre os ornatos.

O altar da nave central, com fronstispício em prata, tem castiçais também em prata ricamente trabalhada em toda a sua extensão (superfície), denotando uma preocupação decorativa excessiva e característica na arte barroca.

A igreja tem oito capelas fundas, laterais nas quais se encontram as imagens de S. Sebastião, S. João Batista, a Sagrada Família, o Sagrado Coração de Jesus , N. S. da Cabeça, além de outros santos que são venerados pelo povo católico. Essas capelas laterais lembram igrejas de Minas e Bahia.

Numa das capelas do transépto há uma expressiva imagem de S. Pedro de Alcântara, em tamanho natural, modelado em mármore de Carrara, que foi presenteada a D. Pedro I.

Na Sacristia uma verdadeira obraprima se destaca aos olhos de todos é um grande crucifixo que fica em frente à porta de entrada. A expressão dolorosa de sua fisionomia, assim como as chagas expostas no corpo, parecem/ vivas, palpitantes. É por certo a imagem mais bela do Salvador do mundo existente em nossos templos . Esse crucifixo veio da Europa, e foi oferecido a D. Pedro II.

Da entrada que dá para a rua Sete de Setembro há outra capela, a de N. S. dos Passos, que era de uso exclusivo da Família Real (atualmente fechada). Os bancos que a ladeiam ainda são os do tempo do Império. São de alto espaldar e em madeira escura, enquanto o mobiliário da igreja propriamente dita, foi por iniciativa do Monsenhor Alvaro Rio Cezar, todo substituido / por bancadas magníficas no mesmo estilo barrôco do templo.

Dentre os objetos preciosos que conta a Catedral, encontra-se a "Rosa de Ouro", condecoração com que foi agraciada a Princesa Isabel pelo Papa Leão XIII, por motivo do decreto por ela assinado a 13 de Maio de 1888, abolindo a escravidão no Brasil, e que constitue riquíssimo trabalho de ourivesaria.

A Catedral guarda, ainda, numa das paredes do corredor que partindo / da Capela-mor, vai dar ao vestíbulo da rua Sete de Setembro, há uma grande/ lápide de mármore que esconde a urna onde se encontram em parte as cinzas/ de Pedro Alvares Cabral, almirante português, que aqui aportou em 1500, Assim como o corpo de D. Joaquim Arcoverde, o primeiro Cardeal que teve o Brasil e a América do Sul, falecido em 1930, e que repousa hoje na cripta da/ Catedral, cavada sob a capela do S.S. Sacramento, entre cinzas de outros / prelados, depois de ter sido exposto à visitação de despedida na nave da principal igreja do Rio de Janeiro.

B I B L I O G R A F I A

1 - CARVALHO, Benjamim de A. Igrejas Barrocas do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira, 1966. v.4 (Imagens da Terra e do Povo), p. 126-129.

2 - COARACY, Vivaldo A. Memórias da Cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Ed. José Olympio, 1955. p. 14-44/51.

3 - MAURÍCIO, Augusto. Templos Históricos do Rio de Janeiro.

4 - BRASIL, Serviço do Patrimônio Histórico Nacional. Catedral Metropolitana do Rio de Janeiro (Arquivos).

5 - KELEMEN, Pál. Baroque and Rococo in Latin America. New York, The MacMillan Company, 1951.

CRONOLOGIA DA PRINCESA ISABEL

1846 - 29/07	Nascimento, no Palácio da Quinta da Boa Vista.
15/11	Batisado, na Capela Imperial, atual Paróquia de N.Sra. do Carmo Antiga Sé
1850 - 10/08	Reconhecimento como sucessora no Trono e Coroa do Império, pela Assembléia Geral Legislativa.
14/08	Decreto nº 691 reconhecendo como sucessora no Trono e Coroa do Império.
1860 - 29/07	Juramento à Constituição do Império, perante a Assembléia Geral Legislativa.
15/10	Casamento com o Príncipe Gastão de Orleans, Conde d'Eu, na Capela Imperial, atual Paróquia de N. Sra. do Carmo Antiga Sé
1871 - 17/05	Lei nº 1.913, declarando que, durante a ausência de S.M. o Imperador, governará como Regente.
25/05	Assume a Regência na qualidade de Princesa Imperial.
28/09	Assina a Lei nº 2.040, conhecida como Lei do Ventre Livre.
1872 - 31/03	Término da 1ª Regência.
1875 - 15/10	Nascimento, em Petrópolis, do filho primogênito, Dom Pedro de Alcântara, Príncipe do Grão-Pará.
20/10	Lei nº 2.677, declarando que, durante a ausência de S.M. o Imperador, governará como Regente.
1876 - 23/03	Assume a Regência na qualidade de Princesa Imperial.
1877 - 26/09	Término da 2ª Regência.
1878 - 26/01	Nascimento, em Petrópolis, do segundo filho, Príncipe Dom Luís.
1881 - 09/08	Nascimento, em Paris, do terceiro filho, Príncipe Dom Antônio.
1887 - 28/06	Lei nº 3.318, declarando que, durante a ausência de S.M. o Imperador, governará como Regente.
[illegible]1/06	Assume a Regência na qualidade de Princesa Imperial.
1888 - 13/05	Assina a Lei nº 3.353, conhecida como Lei Áurea.
1889 - 17/11	Partida para o exílio, com toda a família Imperial, a bordo do Vapor Alagoas.
1921 - 14/11	Falecimento na França, no Castelo d'Eu.